

social

VOLUNTÁRIOS E EMPRESAS SE UNEM PARA LEVAR ALEGRIA E MAIS QUALIDADE DE VIDA A PORTADORES DE CÂNCER

Doar é receber

Falar em qualidade de vida para quem está em tratamento contra o câncer, à primeira vista, parece contraditório. No entanto, um grupo vem fazendo a diferença na vida dos pacientes do Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). São os voluntários da Área de Ações Voluntárias do Instituto, conhecida como INCAvoluntário, que doam parte do seu tempo para levar alegria, entusiasmo e carinho para quem enfrenta a doença.

Criada em 2003, a Área de Ações Voluntárias é responsável pelo planejamento, promoção e coordenação de ações voluntárias educacionais, recreativas, culturais, de lazer e geração de renda para os

usuários do instituto. Hoje, a iniciativa conta com mais de 600 voluntários permanentes, além dos transitórios – pessoas físicas e jurídicas –, que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos pacientes e de seus acompanhantes.

Entre as ações desenvolvidas estão o apoio aos pacientes e seus familiares, a humanização do ambiente hospitalar e a captação de recursos para a realização de diversas atividades. De acordo com a supervisora do INCAvoluntário, Emília Rebelo, o voluntário complementa o trabalho da instituição e faz com que a passagem do paciente pelo INCA seja o menos sofrida possível. “Nossa missão não é assistencial. O objetivo é melhorar a qualidade de vida do paciente, enquanto ele



A festa do Dia das Crianças em 2010 teve como tema Princesas e Heróis

“Muitos pacientes chegam ao hospital fragilizados, às vezes sem compreender exatamente a doença que enfrentam”

EMÍLIA REBELO, supervisora do INCAvoluntário.

ainda está no hospital, e reinseri-lo na sociedade, porque quem tem câncer muitas vezes é discriminado”, opina. O investimento na humanização contempla o espaço físico do hospital – por exemplo, por meio da compra de televisores, mobiliário, quadros e arranjos de plantas e flores – e a atenção ao paciente, com ênfase no acolhimento. O objetivo é tornar as instalações e o atendimento mais confortáveis aos usuários, aliviando a carga de estresse que envolve internações e procedimentos terapêuticos de alta complexidade. “Muitos pacientes chegam à unidade de saúde fragilizados e desorientados, às vezes sem compreender exatamente a doença que enfrentam. Por isso, as unidades do INCA contam com voluntários em suas recepções, que têm a função de receber e acolher o paciente. Na prática, isso pode se traduzir na indicação da localização de um setor, no esclarecimento de uma dúvida ou no acompanhamento de quem estiver sozinho ou apresentar necessidades especiais, como dificuldades de locomoção”, resume Emília.

Elevar a autoconfiança de quem convive com o câncer é o propósito da secretária executiva Márcia Vieira, que há três anos promove oficinas para meninas – encontros quinzenais para a produção de bijuterias e acessórios para mães, acompanhantes e pacientes, no Hospital do Câncer I (HC I), do INCA. Segundo Márcia, elas se entregam à atividade e deixam de pensar, pelo menos por alguns minutos, que estão em um hospital. “A bijuteria está diretamente relacionada à autoestima das mulheres. Além disso, sentir-se útil e produtiva é essencial para fortalecer a confiança em si. Algumas participantes aprendem a fazer bijuterias e passam a vender as peças, garantindo uma fonte de renda. Isso é gratificante”, revela Márcia.

Além de doar seu tempo e arcar com as despesas de material das oficinas, Márcia, que chega a montar 50 conjuntos de bijuterias por aula, faz questão de não repetir os temas dos encontros. “Cada participante é diferente da outra. Procuo trabalhar com materiais de fácil manuseio e que não provoquem alergias, como couro e náilon. Disponibilizo os kits pré-prontos, para facilitar a montagem, principalmente para as crianças”, descreve.

De acordo com a secretária executiva, uma das oficinas de maior sucesso foi a de *headbang* – acessórios para a cabeça inspirados na moda hippie. “Este foi um dia marcante. As meninas – muitas sem os cabelos devido à quimioterapia – ficaram lindas”, lembra Márcia, que conta com ajuda da sobrinha Stephanie durante as aulas.

ANIMAÇÃO PARA PACIENTES MIRINS EM DATAS ESPECIAIS

Foi para levar alegria e diversão às crianças internadas no INCA que os sócios Daniele Mendes e Marco Antônio Lima, da empresa de animação e festas infantis Animasom, abraçaram o programa INCAvoluntário, há cinco anos. A dupla e sua equipe são responsáveis por animar os eventos que ocorrem na instituição em datas como Páscoa, Dia das Crianças e Natal.

Daniele enfatiza que a Animasom está à disposição do INCA. “Nossa missão é fazer a criança feliz e escolhemos a área da saúde para fazer esse trabalho voluntário. Quando é preciso, a equipe do INCA telefona e nós atendemos prontamente. Essa é uma maneira de retribuir o carinho que recebemos de todas as crianças com quem convivemos. Acredito que todos que têm uma empresa socialmente responsável, especialmente os que trabalham com crianças, deveriam se render à prática”, aconselha. A empresária ressalta que o voluntariado é uma escolha da empresa – seus funcionários são remunerados para fazer o trabalho. “Mas, como a solidariedade contagia, muitos levam brinquedos e livros para doar às crianças”, reconhece.

A experiência da Animasom exemplifica o processo de transformação pelo qual a atividade de voluntariado vem passando, no Brasil. “Essa tendência é observada claramente no envolvimento de voluntários com o INCA, que remonta à década de 1950. Antes ajudava-se porque havia o sentimento de pena. Agora, a motivação é a solidariedade e a ideia de que esse é um dever de todo cidadão”, avalia a supervisora Emília Rebelo. “Diferentemente do que se pensava quando o voluntariado surgiu no Brasil,



Voluntários, pacientes e acompanhantes no mais recente passeio do INCAvoluntário em Ação - Cultura e Lazer: visita ao Parque Lage

nos dias de hoje ser voluntário é ter uma visão de cidadania”, afirma Emília.

A Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro (Appai) é outra entidade que tem no trabalho voluntário uma visão que vai além do conjunto de benefícios que a instituição oferece. “Investimos no voluntariado pela consciência do dever de cidadania e solidariedade. Afinal, ao investirmos na sociedade, estaremos apenas devolvendo a ela parte do que ela própria nos forneceu”, afirma Sheila dos Santos, coordenadora do programa de ações sociais da Appai.

A parceria com a Appai ajuda a oferecer as cerca de 500 bolsas de alimentos doadas pelo INCAvoluntário para pacientes ambulatoriais. Além disso, a associação apoia a festa anual para os voluntários do instituto em comemoração do Dia Internacional do Voluntariado (5 de dezembro), com a doação de bufê e brindes, como ecocanecas e bolsas ecológicas. Para Emília, ações voluntárias auxiliam o paciente na superação da doença e na adesão ao tratamento. “E os beneficiados não são só os pacientes. Os acompanhantes e cuidadores também precisam desse apoio”, reforça. “Todos os nossos parceiros são muito importantes. Desde aquele que doa uma quantia em dinheiro até aquele que vem aqui ao hospital dar aula de bijuteria. Se tivéssemos que comprar todo mês as bolsas de alimentos, por exemplo, gastaríamos R\$ 500 mil por ano, e nunca tivemos que gastar um centavo”, completa.

CULTURA E LAZER EM PONTOS TURÍSTICOS DO RIO

Desde janeiro, pacientes e acompanhantes têm participado do Programa INCAvoluntário em Ação - Cultura e Lazer. O projeto, em parceria com a Federação das Empresas de Transportes de Passageiros do Estado do Rio de Janeiro (Fetranspor), leva usuários do instituto a pontos turísticos e culturais da capital fluminense. A cada mês, 45 pessoas – entre pacientes infantis, adultos e acompanhantes – participam dos passeios. O mais recente foi uma visita ao Parque Lage, no bairro Jardim Botânico, em agosto.

Ângela Maria dos Santos, moradora do Centro e que teve câncer do colo do útero há dois anos, conta que ir ao Parque Lage foi uma oportunidade para conhecer um belo ponto turístico de sua cidade. “Apesar de ter sido criada na Zona Sul do Rio, nunca havia ido lá. Fui a todos os passeios desse projeto, como ao Pão de Açúcar e ao Castelinho da Fiocruz. Pude conhecer lugares a que nunca havia ido, nem quando era criança”, conta.

O paciente Jorge dos Santos é outro que, quando pode, vai às visitas. Ele, que teve câncer na garganta há 11 anos, estava no terceiro passeio e reforça que é muito importante ajudar as pessoas. “Alguns chegam desesperados, achando que a vida acabou, e não é nada disso. Esses trabalhos são bons para a autoestima, porque fazem esquecer por um momento a doença”, afir-

“Os passeios dão aos pacientes a oportunidade de sair do ambiente hospitalar e usufruir momentos de lazer e cultura”

FERNANDA GÓES BARROSO, voluntária no INCA.

ma Jorge, que também é professor do Ateliê de Artes e Ofícios do INCAvoluntário, onde ensina reciclagem com jornal e pintura em vidro para pacientes do instituto.

Além de transporte, a Fetranspor fornece o lanche e, através de parceria com outras instituições, custeia as camisetas do projeto. “O INCA faz um trabalho de grande importância, e proporcionar qualidade de vida por meio dos passeios também é fundamental”, considera a gerente de responsabilidade social da Fetranspor, Márcia Vaz. Em sete edições, o Programa INCAvoluntário em Ação - Cultura e Lazer já promoveu passeios ao porta-aviões São Paulo, ao Pão de Açúcar, ao Castelinho da Fiocruz, à Casa de Rui Barbosa, ao Complexo Cultural da Marinha, à Estação de Tratamento da Cedae e ao Parque Lage. “Todo mês, temos uma atividade. Os pacientes adoram. Os depoimentos dos voluntários que acompanham as atividades são fascinantes e revelam conquistas relevantes”, explica Carla Lobato, funcionária do INCAvoluntário que coordena essa iniciativa.

O técnico de enfermagem Rubens Luiz da Glória, um dos profissionais de saúde do INCA que participa e dá apoio às visitas, revelou que, durante os passeios, os pacientes até se esquecem da dor que sentem. “Geralmente, os acompanhantes trazem analgésicos, já que, quando estão no ambulatório, os pacientes pedem medicamentos com certa frequência. Mas, quando estão em atividades externas, eles ficam tão felizes que praticamente não existe consumo de remédios”, conta.

Há nove anos no INCAvoluntário, a economista Fernanda Góes Barroso confirma: “Além de promover a integração social, que é fundamental para a autoestima e a qualidade de vida, os passeios proporcionam aos pacientes a oportunidade de sair do ambiente hospitalar e usufruir momentos de lazer e cultura.” Pacientes em condições financeiras desfavoráveis também podem contar com um banco de empréstimo de equipamentos, como cadeira de rodas e nebulizadores, entre outros aparelhos que o usuário não possa comprar e precise usar em casa.

Para o futuro, a ideia é aumentar o Ateliê de Artes e Ofícios, que hoje atende cerca de cem pessoas por mês, com cursos de informática, inglês, alfabetização, bijuteria e pintura em tecido, entre outras atividades de geração de renda, além de construir o prédio-sede do INCAvoluntário. “Temos o projeto pronto, mas ainda faltam R\$ 4 milhões. Nessa casa, os objetivos são proporcionar um local mais confortável para receber o paciente, aumentar a capacidade do ateliê e construir salas multiuso”, finaliza Emília.

Qualquer pessoa pode contribuir com o INCAvoluntário, seja com doações financeiras ou de materiais, como itens de higiene pessoal, fraldas descartáveis e alimentos não perecíveis. Os telefones do INCAvoluntário são (21) 3970-7962 e 3970-7127. Doações em dinheiro devem ser feitas no Banco do Brasil (agência 2234-9, conta-corrente 16021-0). ■

Festa pelo Dia Internacional do Voluntariado, realizada com o apoio da Appai. À frente (D), a coordenadora do INCAvoluntário, Emília Rebelo.

